



vento sul



CAMP, 25 anos de luta. A saga continua

Porto Alegre, Brasil. 1983. Ditadura Militar em vários países da América Latina. Carestia, arrocho salarial, inflação e dependência externa. Neste cenário duas dezenas de jovens estudantes, religiosos, militantes sociais e sindicalistas decidem criar um centro de educação popular com o objetivo de ajudar a formar a base da sociedade brasileira para a democracia. É impossível dissociar esta decisão do sentimento de esperança. Esperança nascida da crença das pessoas que constituem a base do povo brasileiro. Foi

fundado na esperança que nasceu o CAMP. E, ao longo destes 25 anos, esta esperança foi se transformando em certeza. Certeza de que quando é dada a oportunidade, são criadas as condições para o trabalho coletivo, quando se acredita na força da organização popular, as coisas podem mudar.

Porto Alegre, Brasil. 2008. A saga continua. Por um lado o cenário é novo. Há um sopro de democracia no Brasil e em vários países latino americanos. Há possibilidades de organização, de mobilização, de

denúncias, de construção de alternativas. Há governos democráticos e alguns populares apontando para a possibilidade de uma nova ordem mundial. Mas muitas coisas ainda são as mesmas. A pobreza cresceu, a exclusão atinge milhões de pessoas, no mundo o mercado consolidou seus valores. No entanto, a questão ambiental põe em xeque o atual modelo. A democracia aliada à solidariedade pode se tornar poderoso instrumentos de mudanças. Neste quadro está o CAMP. Com sua trajetória de

lutas, de apoio à organização de grupos de base, apoio às mobilizações de massas, desenvolvimento de metodologias participativas, parcerias com instituições públicas e privadas. Neste cenário está o CAMP, convidando você para se somar, com suas idéias e valores, na construção de um mundo socialmente justo, economicamente equitativo e ambientalmente sustentável. Comemoramos 25 anos festejando o muito que fizemos e buscando fazer ainda mais. Página 3

“Camp foi minha escola de formação política”
Entrevista: Paulo Paim
Pág. 6

“Há enorme conhecimento a ser divulgado”
Entrevista: Rosinha Carrion
Pág. 7

“Servindo ao processo de conscientização”
Artigo: Frei Betto
Pág. 10

“ONG's, sujeitos políticos democratizantes”
Artigo: Domingos Armani
Pág. 12

Os principais projetos atualmente desenvolvidos pelo Camp

Economia Solidária e Reciclagem

Organização da Feira Estadual de EPS (SENAES), participação nos fóruns de EPS, no Comitê de Fundos Rotativos Solidários, no Fórum Lixo e Cidadania e nas reuniões de coordenação da FARRGS. Promoção do Programa de Formação de Agentes de Desenvolvimento. Centro Regional de Formação em Economia Solidária (parceira com escola Mesquita e outras entidades); Acompanhamento de Projetos de Reciclagem aprovados pela VONPAR; Projeto com Associação de Recicladores (SENAES)

Redes de Educação Popular Educadores para a Rede de Educação Cidadã/Talher-RS

Projetos de Sistematização Sistematização da Formação em EPS/RS (SENAES) e Sistematização sobre processo de formação do MTD (Proesq)

Planos para 2008
Projetos Especiais:
Centro Formação EPS, Talher,

Reciclagem VONPAR e SENAES, ACNUR, Paz, Pesquisa Capital Social, Prefeitura de Gravataí, Curso Capina, Prefeitura de São Leopoldo.

Comunicação e Produção de Meios Produção de divulgação de cartilhas e cadernos. Produção e divulgação de número especial do jornal Vento Sul.

Projetos no Arquipélago Ação Rua Arquipélago (parceria com Fé e Alegria, convênio com a Fasc (Prefeitura; Projeto com Associação de Recicladores Ilhas e Navegantes, parceria com AVESOL, projetos Responsabilidade Social); Projeto de Formação de Jovens para a produção de Audiovisuais (com Fé e Alegria); Projeto Grumatã.

Projetos Morro da Cruz Participação reuniões da Rede Comunitária, apoio à organização da V Feira Comunitária do Morro da Cruz; Aproximação do ICB (Instituto Cultura Brasil), Posto de Saúde e Escola no Morro da Cruz.



Cooperação Internacional:

Development and Peace

Christian Aid

Misereor IHR Hilfswerk

Entidades Parceiras:

Avesol

CEAP

IPPOA Instituto Popular Porto Alegre



Conselho Diretor do Camp

Bernadete Konzen
Lauro Magnago
Domingos Armani
Allyson Bentlin
João Marcelo dos Santos

Coordenação

Mauri Cruz Secretário Executivo
Helena Bins Ely Coordenadora Pedagógica

Educadores Populares

Leonardo Toss, Rosimar de Mattos,
Daniela Zilio, Márcia Falcão, Beatriz Hellwig,
João Maurício Farias, José Inácio Konzen

Apoio Administrativo

Jorge León - Coordenador
Sofia de Castro Souto
Vanessa Rauter

Um sonho que constrói alternativas reais

O CAMP comemorou, neste último dia 27 de março de 2008, 25 anos de existência. É estranho comemorar o aniversário de uma instituição. As pessoas têm uma trajetória de vida mais ou menos previsível. Aos 25 anos, por exemplo, um jovem de classe média deve estar se formando numa faculdade, pensando em casamento, orientando a vida adulta. Uma instituição, não. Nessa idade tem obrigação de já ter uma trajetória defensável, que justifique sua existência. E isso o CAMP tem. Se olharmos para trás, para o início dos anos 80, o quadro era de alienação e desesperança. “Reunir pra quê?”, perguntavam as pessoas das comunidades populares, os trabalhadores rurais, os operários desesperançados. Não era para menos. A ditadura estava para comemorar 20 anos de existência. A imprensa escrita ou falada ainda exaltava “os homens de bem” - na sua maioria alinhados com os donos do poder. Com a inflação corroendo um salário mínimo de fome, sem moradia, sem acesso à saúde e à educação, com padrões autoritários e inacessíveis pelas leis, o povo brasileiro e gaúcho somente podia nutrir a desesperança.

Neste cenário, nasce o CAMP. Embalado pelas lutas estudantis, pelas greves dos bancários e da construção civil, pela mobilização dos trabalhadores rurais contra as

oligarquias sindicais e pelas ocupações de trabalhadores sem terra, nossa entidade nasce das mãos e dos corações daqueles que acreditavam ainda haver esperança. Dos primeiros anos, com poucos recursos, muito trabalho voluntário e muita luta social, o CAMP aos poucos foi agregando novas lideranças, fazendo alianças com o mundo acadêmico, desenvolvendo metodologias de educação popular e contribuindo na ampliação do leque de militantes sociais no Rio Grande do Sul. Nesta época, já início dos anos 90, havia novas demandas. Era preciso organizar a luta, planejar as ações e formar novos militantes da cidadania social. Por sua intimidade com a maioria dos movimentos sociais emergentes, o CAMP respondeu a estas demandas com qualidade e firmeza. Foi neste período que temas como a

democracia participativa, a gestão democrática e a organização por local de trabalho ganharam força no dialeto popular.

Fase rica para o Movimento social

No final dos anos 90, todo o movimento social gaúcho entra numa fase muito rica, com a conquista do Governo do Estado por um bloco de partidos de caráter popular. Entra em cena o debate do desenvolvimento. O CAMP acompanha este debate reestruturando suas ações e se dispondo a contribuir na estruturação de processos de desenvolvimento regional alternativos em quatro regiões do estado. Pela primeira vez a entidade alça vãos para além dos limites dos movimentos sociais populares. O debate do desenvolvimento regional coloca o CAMP frente ao desafio de tentar promover o

diálogo entre sociedade civil organizada, estado e setor privado. Surgem inúmeras contradições e dilemas, e uma experiência rica de diálogo e superação destes desafios.

Como saldo deste período, o CAMP ingressa na fase atual, em que reafirma sua vocação de defesa intransigente da democracia participativa como forma e conteúdo de uma nova sociedade socialmente justa, ambientalmente sustentável e economicamente equitativa. Num momento em que surgem denúncias genéricas contra as ONGs, quando equívocos e irregularidades de algumas são apresentadas pela mídia como marca registrada de todas, traçamos nossa meta para o próximo período com firmeza: a busca pela construção de experiências de desenvolvimento local que empoderem as comunidades, articulem os atores sociais, empresariais e os órgãos públicos de um determinado território, e que apontem alternativas ao atual modelo de desenvolvimento. Vamos seguir formando lideranças capazes de compreender a realidade, ter opinião própria sobre seu destino e uma crença inabalável no sonho de uma vida melhor para todos. Esse é o CAMP 2008. Nestas páginas, você irá conhecer um pouco mais de nossa trajetória e saber do porque nos orgulhamos tanto de ser CAMP. Há 25 anos.



Anos 80: mobilização dos trabalhadores

Fundação

27 de março de 1983: um grupo de militantes de movimentos populares, religiosos e sindicais funda o Camp, em assembléia no Colégio Rosário. A ONG tem o apoio da organização de solidariedade internacional Frères des Hommes.

1983 a 1987 Fase de apoio forte aos movimentos sociais na luta pela terra e pelos direitos dos trabalhadores, no campo e na cidade. O Camp oferece estrutura e recursos humanos e contribui para a discussão política dentro dos movimentos.



- Apoio à formação do MST

- Apoio à formação da CUT RS, fundada em outubro de 1984

- Estruturação do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)

“ Trabalho que formou gerações de militantes sociais ”

O trabalho do CAMP desde os anos 80 formou gerações de militantes sociais no Rio Grande do Sul. Para alguém que como eu vem acompanhando e participando de atividades com esta organização, é muito gratificante ver que este trabalho continuando seus frutos. Seu esforço por construir conhecimento desde um ponto de vista popular, é exemplar. Seu

trabalho de articular o saber acadêmico e científico de profissionais comprometidos com a transformação, com o conhecimento e a prática de militantes dos movimentos populares, tem se revelado da maior importância. E o resultado dessa luta pode ser visto, na prática, no crescimento e amadurecimento dos movimentos sociais em nosso estado.

A construção de uma política emancipatória tem, cada vez mais, no conhecimento e na informação, ferramentas essenciais. Qualquer perspectiva de transformação social passa hoje por ampliar a capacidade de análise e de compreensão da realidade dos militantes dos movimentos sociais. Nas pegadas de Paulo Freire, o CAMP vem cumprindo de forma exemplar esta tarefa de

contribuir para transformar o conhecimento em ferramenta de libertação. Seus 25 anos de luta e de trabalho são uma inspiração para todos que buscam construir um mundo melhor.

Tarson Nuñez é assessor parlamentar e mestrando em Ciências Políticas pela UFRGS



“ Entidade vacinada contra vícios das organizações populares ”

Três fragilidades conhecidas das organizações populares são o esquecimento progressivo dos programas que as inspiraram, a perpetuação das suas lideranças no poder que as representa, e o distanciamento crescente do povo ao qual se propuseram servir. Ao cumprimentar o Camp pelos 25 anos que ele está completando, expresso aqui o meu testemunho de que ele conseguiu se vacinar contra esses vícios,

não confundindo fidelidade a uma ideologia com o desprezo pela ética e pela técnica, que devem sustentar as reivindicações de quantas/os procuram os seus serviços.

Não substituiu pelo discurso barulhento mas vazio de conteúdo, a garra e a militância efetivas que mantêm viva qualquer organização, o duro trabalho em favor de sindicatos, ONGs, movimentos populares, com tudo o que isso

implica de ousadia, coragem, perseverança, paciência, fortaleza diante dos insucessos que todo um sistema capitalista de convivência impõe ao povo pobre e trabalhador.

Na famosa distinção entre trabalhar para o povo e trabalhar com o povo, o Camp sempre me pareceu optar pela segunda hipótese. Como toda a atividade humana, pode ter errado mais de uma vez, mas não fez disso causa de desânimo nem de renúncia ao seu ideário emancipatório. Entre se contentar com uma

atividade pedagógica repetitiva de velhos e surrados conceitos, optou por se colocar ao lado das vítimas da realidade social injusta que motiva sua prestação de serviço, assessorando-as, defendendo-as, sofrendo com suas derrotas mas também vibrando com suas vitórias. Merece nosso reconhecimento e gratidão. Longa vida para o Camp!

Jacques Távora Alfonsin é advogado, procurador de Justiça aposentado e assessor jurídico de movimentos populares

- Apoio ao movimento sindical rural e urbano na construção de sindicatos livres e de base.

- Fortalecimento da União das Associações de Moradores de Porto Alegre (Uampa)



- Retomada da Federação Rio-grandense das Associações Comunitárias e de Moradores de Bairros (Fracab)

- Articulação internacional pautando os temas das péssimas condições dos trabalhadores brasileiros

- Articulação para criação do Fórum Sul de ONG's

- Coordenação da Plataforma de Articulação e Diálogo (PAD)

- Participação na fundação da Associação Brasileira de ONGs (Abong)

“Que coisa fomos, quando juntos? Que coisa somos, quando juntos?”

Acredito serem, estas, perguntas oportunas para um momento de comemoração. Comemoração de uma presença social marcada por “serviço” àqueles para quem, de alguma forma, “a vida dói”, o “viver é custoso”! São 25 anos de uma trajetória responsável, criativa e solidária de uma ONG brasileira, a serem celebrados. Merecem festa...

Conheci o Camp por meio da educação popular: anos 80 do século passado, momento de esgotamento de uma ditadura militar que, como o projeto de modernidade que afirmou, muito pouco cumpriu do prometido. E muito destruiu: famílias, instituições, pessoas... As universidades que abriam suas portas para os movimentos sociais e suas parcerias eram poucas, naqueles tempos. A minha sim, Unijuí, onde foi possível construirmos, juntos,

movimentos sociais, ONGs, setores de órgãos governamentais, escolas, igrejas e universidades -, um Seminário Permanente de Educação Popular (SPEP). Este programa constituiu-se como um fórum de debates, espaço de troca de experiências e produção de conhecimentos dirigidos à construção de um projeto político do campo popular. O Camp marcou presença neste espaço.

Vejo, com alegria, que o trabalho, perspectivas político-sociais e parcerias do Camp crescem e se complexificam, a cada dia. Há, portanto, o que comemorar nesses 25 anos de existência. Viva!

Elza Maria Fonseca Falkembach, educadora popular, pesquisa temas referentes aos movimentos sociais, e é professora do Departamento de Pedagogia da Unijuí



“O Camp fortaleceu o processo de criação da CUT”

O Camp teve uma importância estratégica para a capacitação das lideranças do movimento sindical gaúcho e cumpriu seu papel na organização dos trabalhadores(as), na formação das oposições sindicais - e com isto podemos dizer que fortaleceu também o processo de criação da CUT nos anos 80. Hoje, vários dos sindicatos que estão na CUT são resultado também da ação do Camp e da sua luta por intensificar a organização dos trabalhadores urbanos e rurais, que objetivavam construir uma estrutura sindical democrática e direcionada de fato para os interesses da classe trabalhadora.

A partir da construção da CUT e da estruturação mais

sólida do movimento sindical, o Camp optou pela luta junto ao movimento social e popular, apoiando as iniciativas de desenvolvimento regional, qualificação profissional e criação de alternativas relacionadas à economia solidária. Esta iniciativa mais uma vez consolida aquele que é um dos principais objetivos do Camp, ou seja, a formação de uma sociedade civil ativa, que construa sua cidadania por meio de organizações autônomas e democráticas. Parabéns ao Camp pelos seus 25 anos de trabalho e luta por uma sociedade mais justa e fraterna!

Quintino Marques Severo é Secretário Geral da CUT Nacional



Educação

1988 a 1993 Trabalho com educação e formação dentro das organizações, dando apoio técnico especializado. Participa da consolidação da Central Única dos Trabalhadores (educação), assessora os sindicatos de Metalúrgicos, Sapateiros e

Borracheiros de Porto Alegre, São Leopoldo e Canoas.

- Apoio à formação da Cooperativa de Vídeo (1992)
- Criação do Fundo de Mini-Projetos
- Apoio ao Congresso da Fracab



1. Senador Paim, qual a importância do Camp na sua formação política e como isso se deu?

A minha experiência no Camp foi uma das mais bonitas em toda a minha caminhada pública. Eu era metalúrgico e presidia o Sindicato de Canoas quando uma série de lideranças entenderam que eu deveria ter uma formação mais qualificada de economia, história, sociologia e geopolítica. Os companheiros do Camp passaram então a me dar aulas que se estendiam noite adentro. Me lembro que uma vez eu fui convidado a fazer uma palestra na Fiergs sobre a visão dos trabalhadores diante do quadro de redemocratização do país. Fui acompanhado pelo Ricardo Manfrói, Laerte Meliga e pelo José Pinto. A experiência foi gratificante.

2. O que foi mais marcante nesse período?

O que mais me marcou neste período foi sem dúvida a possibilidade que se abriu para adquirir mais conhecimento e cultura. Comecei a me apossar de informações que foram fundamentais para minha formação política e social. Foi neste momento que os livros e apostilas passaram a ser meus parceiros. Outros fatos foram marcantes, mas não há como esquecer da ocupação em Ronda Alta. Foi uma noite histórica onde pude compreender a necessidade de termos uma reforma agrária condizente com as necessidades da nossa gente.



“O Camp foi fundamental em minha formação política e social”

3. Qual papel de organizações de assessoria e educação popular no processo de redemocratização do país e quais os desafios que enfrentam, hoje?

Essas organizações são fundamentais para que os militantes dos movimentos sociais tenham uma formação adequada e conseqüentemente estejam qualificados para o embate político e ideológico. Os próprios trabalhadores da base querem que seus quadros tenham essa qualificação. Sem dúvida é uma necessidade. A bagagem política que eu tenho foi adquirida principalmente com a ajuda do Camp. Que o Camp possa cada vez mais formar agentes políticos. Acho que este é um desafio.

4. Como o sr. vê o futuro

dos sindicatos e movimentos populares no atual estágio da sociedade brasileira?

Eu entendo que os sindicatos estão passando por um período delicado. O movimento sindical trabalhou muito para que o presidente Lula chegasse aonde está. É natural que neste momento ocorra uma confusão entre o ser sindicalista e o ser governo. Creio que isto vai passar. Claro que não é porque elegemos um presidente da República oriundo das nossas fileiras que vamos deixar tudo em panos quentes. É preciso que o movimento sindical se mobilize cada vez mais para as mudanças necessárias, exigindo melhores salários, condições de trabalho, reforma agrária, distribuição de renda,

saúde, educação, segurança... É certo que já fizemos muito, mas o governo do presidente Lula precisa avançar mais. Portanto, creio que o movimento sindical, o movimento popular, o movimento dos moradores de rua, o movimento dos trabalhadores rurais sem terra, e outros, tem a obrigação de juntar forças para dar um salto bem maior do que o atual. O projeto de uma nação soberana não pode terminar nos oito anos de mandato do presidente Lula. Vamos todos juntos construir esse caminho.

Paulo Paim é senador da República pelo PT-RS. Foi líder sindical metalúrgico, ex-deputado e preside a Comissão de Direitos Humanos do Senado.

Organização

1994 a 1998 Novo patamar de ação: o Camp tem propostas próprias de educação e organização popular.

- Discute desenvolvimento regional e políticas públicas para o setor rural, abrangendo a região de

15 municípios dos Altos da Serra, uma das mais baixas rendas do RS (programa Padrop). O ponto forte é a mobilização para o grito da Terra Brasil

- Apóia a luta pela moradia, visando à regularização fundiária em sete vilas na região leste de Porto Alegre. Defesa da função



social da terra e da propriedade (projeto Rupp)

- Pela democracia e organização nos locais de trabalho no complexo coureiro-calçadista. Apoio a um projeto de desenvolvimento regional para o Vale do Sinos (OLT).

Entrevista: Lirene Finkler e Júlia Obst

“Parceria extremamente positiva com o poder público, como demonstra o Ação Rua/Arquipélago”

1. Como vocês vêem na prática a parceria existente entre FASC/Prefeitura e o Fé e Alegria/CAMP? Quem é o público alvo?

O Ação Rua é um serviço de abordagem e acompanhamento a crianças e adolescentes em situação de rua e suas famílias, que condensa e articula um conjunto de experiências da cidade de Porto Alegre, tanto do governo quanto da sociedade civil. No ano de 2007 foram implantados onze (11) núcleos regionalizados com a tarefa de fomentar as redes locais no sentido do cuidado destas crianças e adolescentes. A ONG Fé e Alegria é responsável pelo Núcleo da Ilhas, e atua em conjunto com o CAMP, parceria essa que vem enriquecendo a intervenção na região.

2. A partir dessa experiência com o Camp, o que vocês acham deste tipo de parceria, ONG e poder público? Aumentam as possibilidades de intervenção e modificação de determinados quadros sociais?

A parceria entre a sociedade civil organizada e o poder público pode ser extremamente positiva, como demonstra a experiência do Ação Rua. Desde o início a parceria foi baseada na construção e planejamento conjuntos, o que possibilita flexibilizar e ser criativo na solução dos problemas. É também uma forma de incluir na política pública forças específicas que cada ONG possui, como é o caso da experiência e interesse no desenvolvimento local, fator que caracteriza o CAMP.

3. Vocês acompanham, mesmo que à distância, a trajetória do CAMP ao longo do tempo? O que poderiam destacar em relação a isso?

Conhecemos o CAMP mais de perto a partir de sua atuação nas Ilhas e junto à Fé e Alegria. É uma entidade com pessoas muito comprometidas, que se coloca à disposição para construir e tem sido um elemento de especial capacitação para a região das Ilhas. Esperamos que o conhecimento e experiência ali

desenvolvidos possam ser compartilhadas com os demais núcleos do Ação Rua, em 2008, qualificando ainda mais o trabalho.

Lirene Finkler, é mestre em Psicologia, Terapeuta de Casal e Família, atua como Supervisora da

Rede Especializada da FASC e Coordenadora Geral do Ação Rua.

Júlia Obst, Assistente Social, Terapeuta de Casal e Família, atua como Assistente Social na Equipe Infância e Juventude da Rede Básica da FASC e como Coordenadora Geral do Ação Rua.



- Qualificar e democratizar a gestão das organizações do movimento sindical e popular, com a formação multiplicadora das lideranças populares. (PPGD).

- Participação no processo de organização do orçamento participativo estadual

Desenvolvimento Regional

1999 a 2003 O Programa de Desenvolvimento Regional Alternativo (PDRA) passa a ser o eixo central de atuação do Camp. Não mais um projeto, mas uma estratégia de ação política ampla,

buscando integrar as organizações populares de um mesmo espaço regional e proporcionar a organização de lideranças para o desenvolvimento alternativo. Elabora o mapeamento da economia popular solidária e trabalha com frentes emergenciais de trabalho nas regiões de atuação do programa.

“O enorme conhecimento acumulado pelo Camp precisa ser preservado e divulgado”

Entrevista: Rosinha Carrion



Ação junto as comunidades das ilhas doGuaíba

1. Sabemos que a sra. acompanha há bastante tempo e com muito interesse a trajetória do Camp. O que lhe chama a atenção no trabalho desenvolvido por nossa entidade?

De fato acompanho há muito tempo as atividades de vocês e especialmente a partir de 2002, quando firmamos um acordo de cooperação entre a UFRGS e o Camp. Minha área de pesquisa é fundamentalmente a economia solidária, visando a inclusão social, e considero que o Camp efetivamente faz isso, através da educação popular.

Ele tem um corpo técnico com grande conhecimento acumulado, pessoas com engajamento político e uma dimensão humana. O Camp vem conseguindo se renovar junto com as mudanças gerais da sociedade, mas mantendo uma espinha dorsal.

2. Dê um exemplo de como a ação do Camp colabora para estas pesquisas sobre alternativas de inclusão?

Estamos pesquisando as políticas públicas de enfrentamento à questão da pobreza e desenvolvimento de território. E escolhemos para isso a área

do Arquipélago, aqui no Delta do Jacuí, exatamente porque o Camp já atua lá há muito tempo, tem uma rede de contatos legítimos e nos abriu esta rede.

3. De modo mais amplo, qual a dimensão atingida pelo Camp nestes 25 anos de trabalho e luta?

Considero o Camp, sem dúvida, uma das entidades não governamentais mais significativas do Brasil e ímpar no Rio Grande do Sul. Inclusive me orgulho de ter ajudado a entidade, abrindo portas no Canadá para efeitos de

financiamento. Uma das minhas alunas, a Beatriz Hellwig, hoje inclusive pertence ao corpo técnico do Camp.

4. Quais os principais desafios que se colocam hoje para o Camp, em sua percepção?

A questão da sustentabilidade. Acredito que o Camp vai precisar se repensar neste aspecto, ser mais “proativo” em termos de busca de recursos para prosseguir seu trabalho. Neste sentido, ressalto que aí existe um enorme conhecimento e competência acumuladas, no trabalho de base junto às comunidades, como nenhuma outra ONG no Sul do Brasil. Isso também tem um valor de mercado, pois é um conhecimento que a iniciativa privada não possui. Acho que pode se pensar em buscar mais recursos dos projetos federais, assim como de empresas que queiram de fato realizar trabalhos de inclusão. Também é muito importante que todo este conhecimento obtido ao longo do tempo seja sistematizado e publicado, que isso não se perca.

Rosinha Carrion é socióloga, professora doutora da UFRGS e trabalha com pesquisa de inovações na área de economia solidária.

Quatro regiões envolvidas:

Metropolitana trabalho com recicladores e acompanhamento da plenária temática de desenvolvimento do OP Porto Alegre.

Altos da Serra criação de fóruns de lideranças e de gestores públicos dos municípios de Sananduva, Paim Filho, São João da Urtiga e outros da região.

Vale do Sinos movimento Canoas em Debate reúne universidades, professores, sindicatos, movi-



mentos populares urbanos, entidades de economia solidária. Avanços em saúde, saneamento, transportes.

Região Sul atuação na formação de cooperativas de alimentos, produção de cebolas e pesca.

Projetando o futuro

Num momento em que o estado brasileiro vem sendo, paulatinamente, sucateado, principalmente nas áreas sociais e, por conseqüências, as entidades da sociedade civil vem sendo demandas a assumir esta carência o maior desafio para o CAMP e para as demais entidades de defesa dos direitos dos cidadãos é coseguir desenvolver seus próprios projetos com apoio público. As ongs são demandas para serem uma espécie de "prestadoras de serviços" para o estado o que não é sua vocação e sentido de ser. As ongs, especialmente aquelas que como o CAMP nasceram para organizar a sociedade na defesa de seus direitos, têm uma contribuição própria, genuína, para a consolidação da democracia no Brasil. Se forem "sugadas" pelo estado para suprirem as demandas de serviços que este mesmo estado sucateou, teremos

prejuizos para as próprias entidades que irão se descaracterizar e para o próprio país que terá uma sociedade civil "tutelada" pelo aparelho estatal.

Este ao meu ver, é o grande desafio do CAMP, conseguir mante-se como entidade autonoma, que realiza sua vocação de organização e formação de trabalhadores e trabalhadoras no exercicio de sua cidadania. Por isso, apoiamos a mobilização liderada pela ABONG para a constituição de um marco legal que reconheça a atuação de entidades como o CAMP como sendo de interesse público e, por isso, que devam receber recursos para a realização de seus projetos e ações.

Lauro Magnago
Diretor do Camp

Potencializando estratégias de desenvolvimento

O CAMP, enquanto Centro de Educação Popular, tem um papel importante na conjuntura - seja na capacitação, proposição e ou apoio de ações que aprofundem a democracia e a

participação popular, seja como potencializador de estratégias que implementem um modelo de desenvolvimento auto-sustentável e com justiça social.

Bernadete Konzen
Diretora do Camp



Reinventando a esperança

Na posição de um Centro de Educação Popular, o CAMP possui papel decisivo na luta pela democratização das relações sociais e institucionais do Estado, bem como da luta pelo acesso universal, plural, responsável e indiscriminado dos direitos. Como diziam os muros e as ruas anônimas de 1968, sejamos realistas pecamos o impossível. Desta

contradição constante e inerente abrem-se as grandes alamedas da História. Nosso desafio e reinventar a esperança - da democracia, da justiça social, da solidariedade, da dignidade humana, da rebeldia e da possibilidade do sonho.

Alysson Bentlin
Diretor do Camp

Experiências de contra-hegemonia

Estou engajado no fortalecimento de uma instituição (CAMP) que equacione a autoridade temática e a inserção em experiências contra-hegemonias de desenvolvimento; que saiba acolher com a sabedoria dos seus 25 anos as

questões colocadas pelo tempo; e, que se diferencie em sua forma de ser, agregando democraticamente a diversidade. Para que isso ocorra é necessário uma grande superação dialética do nosso passado.

João Marcelo Pereira dos Santos
Diretor do Camp

Experiências locais

2004 aos dias atuais:

Atualmente o Camp prioriza o desenvolvimento local através do curso de formação de agentes de desenvolvimento, além disso, acompanha uma experiência local no Arquipélago em Porto Alegre fortalecendo processos de



participação popular contribuindo para a produção de conhecimento. Seu público são pescadores e artesãos do Arquipélago, recicladores, crianças e adolescentes em situação de rua.



“Servir ao processo de conscientização”

Conheço o CAMP desde seus primórdios. Quando ele nasceu, em 1983, eu já atuava em educação popular e assessoria aos movimentos sociais através do CEPIS, em São Paulo, desde 1978. De certo modo, o CAMP é filho do CEPIS, na medida em que as duas entidades sempre mantiveram estreita relação e coincidência de métodos e propostas.

Tanto o CAMP quanto o CEPIS reúnem educadores e agentes provenientes das pastorais populares das Igrejas cristãs e da esquerda surgida fora dos partidos comunistas tradicionais. A motivação permanece a mesma: servir ao processo de conscientização, organização, mobilização e participação das classes populares, priorizando instâncias pastorais, sindicais,

associações de bairros e vilas, movimentos de luta pela terra e pela moradia, etc.

Pedagogia do Poder

A prova de que valorizo o trabalho do CAMP é o fato de, ao assumir o Gabinete de Mobilização Social do Governo Lula, em 2003, ter buscado nele o coordenador de um projeto similar, porém de alcance nacional, a Rede de Educação Cidadã. Selvino Heck aceitou o desafio, formatou e coordenou a Rede e, em 2004, quando deixei o governo, apontei-o ao presidente Lula para que me substituísse. Como Lula também o conhece de longa data, bem como a seus méritos, logo ele foi nomeado Assessor Especial do presidente.

Faço votos de que o CAMP comemore também Bodas de



Ouro, pois temos muitos desafios pela frente, como o de desenvolver uma Pedagogia do Poder, de modo que líderes populares que se tornam políticos profissionais jamais sejam cooptados pelas estruturas burguesas do

Estado brasileiro e se mantenham fiéis aos princípios libertários de efetiva emancipação dos mais pobres.

Frei Betto é frade dominicano, escritor e militante social

Como Aprende uma Organização que Ensina?

A aprendizagem organizacional e a gestão do conhecimento têm sido objeto de crescente interesse executivo e acadêmico no que concerne às organizações modernas de uma maneira geral. Contudo, uma curiosidade científica nos guiou, com o seguinte questionamento: e como aprende uma organização que ensina? Esta pergunta é permeada pela crença de que uma organização não somente aprende ou ensina, mas aprende e ensina concomitantemente, e de que estes processos estão intimamente relacionados. Lino Macedo corrobora esta crença, colocando que o ato de aprender é o alimento fun-

damental do ato de ensinar.

A partir de uma abordagem fenomenológica, foi realizado um estudo no CAMP, um centro de educação popular voltado ao assessoramento de coletivos e grupos populares. Escolhemos o CAMP por se tratar de um tipo de organização pouco estudado em trabalhos no campo da administração.

Sendo a pesquisa de orientação fenomenológica, decidimos ir a campo sem revisar a literatura, para somente após estruturar o estudo de acordo com a manifestação do fenômeno em campo. Como principais achados, vimos que o CAMP é uma organização com foco em aprendizagem coletiva,

eminentemente calcada em Paulo Freire, do tipo ação-reflexão, buscando a relação dialética entre a consciência e o mundo, como forma de construção da consciência do indivíduo. O enfoque é principalmente prático e vivencial, com muito espaço para reflexão e debate.

Com o CAMP, foi possível perceber a importância da construção coletiva de saberes como forma de articulação dos grupos, como forma de possibilitar-lhes a autonomia proposta por Freire, de uma forma respeitosa e ética, sem desfigurar tais grupos. Uma organização como o CAMP vive da educação e da aprendizagem. Por isto,

aprende constantemente. Por suas características, é essencialmente voltada à prática, à experiência concreta defendida por David Kolb e ao ensaio e erro, à criação de conhecimento tácito, explicados por Nonaka e Takeuchi. Entendemos que esta característica é devida ao perfil prático-reflexivo de seus membros, mas também ao caráter prático e ativo necessário em seus processos de assessoramento.

Jorge Luiz Doval é Doutorando em Administração ênfase Recursos Humanos - pelo PPGA/UFRGS. Paulo Ricardo Meira é Doutorando em Administração ênfase Marketing- pelo PPGA/UFRGS

Educação popular: o papel de cada um na transformação do mundo

Desde cedo gostei de educação. Aos 14 anos comecei a cursar o magistério. Aos 17 dava aulas no Colégio Anchieta, cursava Pedagogia, participava num grupo de estudos sobre “Pedagogia do Oprimido” e alfabetizava adultos na Vila Bom Jesus. Com 18 anos larguei o Anchieta e a Pedagogia e me mudei para a Vila Fátima, em Cachoeirinha. Lá promovemos cursos para a juventude, organizamos círculos de debates com lideranças, participamos na organização de oposições sindicais, fundamos núcleos do PT, erguemos muitas bandeiras e denunciemos os ainda vivos resquícios da ditadura militar. Em meio a esse turbilhão de coisas, constituímos o CAMP como espaço de articulação entre os militantes.

Aos 23 anos comecei a me dedicar às Ciências Sociais. Como bancária participei de greves, debates, acampamentos urbanos e outras formas de reivindicações próprias dos anos 80. Prestei atenção nas questões do mundo do trabalho e ajudei a organizar atividades de formação para os bancários. No mestrado, li muito sobre esse assunto e, com esse tema em mente, fui para São Paulo, no início dos anos 90. Participei das festas promovidas pelo Governo Erundina e das manifestações pelo *impeachment* de Collor. Depois de dois anos de muitos

estudos, fui trabalhar no Instituto Cajamar. Lá conheci Paulo Freire e outros educadores do Brasil e da América Latina.

Em 2001 voltei para Porto Alegre e me reencontrei com o

dele. Minha experiência profissional também não combinava muito bem com ele. Aos poucos, fomos nos adaptando um ao outro: prestei atenção nos debates com os sócios, ouvi as questões que

têm participado nos nossos cursos de desenvolvimento local e nos embates e debates que temos feito aqui no CAMP.

Construí uma trajetória como educadora popular, misturando estudo, militância e profissão. E tenho a impressão de que essa trajetória não é só minha, mas de uma geração: que “optou pelos pobres”, que se dedicou aos estudos e retornou à militância de um jeito mais qualificado. Permaneço neste lugar não por inércia, mas porque acredito que aqui posso contribuir com o processo de transformação social. Hoje me sinto mais amadurecida e penso que a transformação do mundo é uma tarefa grande demais para uma geração tomar para si (como nos anos 80 pensávamos que poderíamos fazer). Cada geração tem a sua contribuição. A mudança é um longo processo, que se constrói infinitamente.

Penso que esse é e tem sido o papel da educação popular: provocar a reflexão sobre o papel de cada um de nós na transformação e na construção de um mundo mais justo, economicamente igualitário e politicamente democrático. E, no meu entendimento, o CAMP tem cumprido esse papel, não somente hoje, mas ao longo dos 25 anos da sua existência.

Helena Bins Ely é educadora popular, com Mestrado em Ciências Sociais, e Coordenadora Pedagógica do CAMP



CAMP: o CAMP do início da minha militância, o que eu encontrava nos encontros da política de formação da CUT e que participava em atividades do CEAAL. Logo que cheguei, ele não combinava bem com essa lembrança que eu tinha

estavam sendo colocadas pelas organizações e lideranças populares e experimentei algumas idéias diferentes na relação com jovens e com desempregados. Aprendi muito com pessoas da reciclagem, com lideranças que

ONGs sujeitos políticos democratizantes

Desde o início dos anos 80, quando o Camp foi fundado, muita coisa mudou na relação das ONGs com a transformação social e com a democracia. Então, sequer existiam “ONGs” como as conhecemos hoje; e tampouco existia democracia.

Naquela época, se acreditava que os “centros de educação popular” serviam exclusivamente para fortalecer os atores sociais populares e que, por isso, deveriam ter vida curta, dando lugar ao protagonismo destes atores, os quais, fortes e atuantes, seriam capazes de impulsionar as mudanças sociais necessárias a uma nova sociedade.

O entrelaçamento, porém, entre a luta pelo fim do regime militar e o debate de projetos de sociedade no processo constituinte, associados ao contexto histórico da queda do Muro de Berlim, descortinou todo um novo panorama de possibilidades. Uma das questões-chave que emergiram da sinergia entre estes processos foi a de que se a desigualdade estruturada em classes era ainda fundamental como vetor da luta social, já não era suficiente nem como categoria de análise e nem como princípio articulador e motivador da ação política. Passou-se a associar à clivagem de classe outras dimensões estruturantes de exclusão, de discriminação e de injustiça na sociedade, como a dimensão étnica, a questão racial, a desigualdade de gênero, a temática da orientação sexual, a participação política, a

diversidade religiosa e, claro, a problemática ambiental.

Esta abertura do olhar levou a uma compreensão mais integral e integrada da dinâmica social como expressão da complexidade da vida em sociedade. Passou-se a valorizar também dimensões mais sutis da sociabilidade, como a espiritualidade, o brincar, a identidade sócio-cultural, o prazer do harmonioso e do belo nas expressões culturais, a vida amorosa, o convívio com a natureza, o lazer, etc. Também se passou a valorizar as experiências de práticas alternativas como espaços-processos de educação, de melhoras de qualidade de vida, de empoderamento e de vivência de novos valores, pronunciando e preunciando caminhos futuros possíveis. Esta abertura para o “aqui-e-agora”, antes de representar pontos de fuga da luta social, enriqueceu e aprofundou o processo, humanizando o sentido, o caminho e os/as próprios/as protagonistas das mudanças. Todos passamos a ser como que “metamorfozes ambulantes” - atores e atrizes da mudança, em todos os âmbitos e em todos os momentos da vida, privada e pública.

Mudança Absoluta

Então, percebemos que, subjacente a esta humanização, havia mudado a visão do tempo histórico de uma mudança social absoluta, integral, num futuro de curto prazo (a revolução), passou-se à realidade de um processo complexo, di-

nâmico, indeterminado e lento de avanços não-lineares e não-automáticos em prol de uma vida em sociedade mais satisfatória para todos/as.

A perspectiva dos direitos passou então a ser a categoria político-conceitual capaz de conferir inteligibilidade a este novo horizonte histórico. E por quê? Porque os direitos (humanos = civis e políticos, mas também econômicos, sociais, culturais e ambientais) representam um instrumento ético-político que possibilita, a um só tempo, defender conquistas sociais e promover novas conquistas, articular vida privada e lutas no espaço público, associar questões individuais com problemas coletivos, promover avanços de qualidade de vida como princípio universal, ampliar o domínio do interesse público sobre a lógica dos interesses privados. Enfim, a luta por direitos nos permite fazer da radicalização da democracia, do direito a ter direitos, um vetor de questionamento da lógica de mercantilização da vida e uma base sólida para articular democracia e mudança social.

É aí que as ONGs sérias e vinculadas à perspectiva emancipatória dos direitos, ganham novos sentidos no contexto atual. Elas seguem com o compromisso de fortalecer o protagonismo dos grupos populares e movimentos sociais, mas também assumem papéis mais amplos como sujeitos do processo de radicalização da democracia, de ampliação do espaço

público e de afirmação de velhos e novos direitos.

As ONGs passam a exercer papel importante na experimentação e no desenvolvimento de novas metodologias sociais, na formação ética, política e técnica de novas gerações de lideranças, na mobilização social por novos direitos, no controle social da gestão pública, na crítica fundamentada ao modelo de desenvolvimento vigente e, crescentemente, no debate público de disputa de sentido sobre questões de interesse social. Mesmo a vida associativa interna das Ongs passa a ser desafiada pelo princípio dos direitos e da democratização. Por isto tudo, as ONGs ganharam legitimidade e passaram a fazer parte da geografia democrática contemporânea.

Sim, muita coisa mudou nas organizações não governamentais desde os anos 80... Mas, uma coisa fundamental é preservada, como condição de legitimidade, credibilidade e sustentabilidade elas continuam congregando grupos de pessoas comprometidas com a promoção de uma vida melhor para todo/as, sendo um espaço de formação cívica e um canal de expressão política autônoma e de militância cidadã.

Vida longa ao Camp!

Domingos Armani é consultor em Desenvolvimento Institucional, sócio-fundador e integrante do Conselho Diretor do Camp.